

UM HOMEM PODEROSO

Joanna Shupe

UM HOMEM PODEROSO

Tradução
Paulo Alexandre Moreira

*Quinta Essência**

www.quintaessencia.com.pt

ISBN 978-989-741-913-3

(Edição original: ISBN 13: 978-1-4201- 3988-4)

© Joanna Shupe, 2017

Primeira publicação por Zebra Books, uma divisão da Kensing Publishing Corp.

Direitos de tradução cedidos por Sandra Bruna Agência Literária, SL

Direitos reservados para Portugal

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, 2

2610-038 Alfragide

Tel: 21 041 74 10, Fax: 21 471 77 37

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

Título original: Mogul

Tradução: Paulo Alexandre Moreira

Revisão: Domingas Cruz

1.ª edição: abril de 2018

Depósito legal n.º 438 016/18

Pré-impressão: Tjct

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Dedicado a todos aqueles que construíram a América
sem receberem a devida compensação,
práticas laborais justas e condições de vida decentes.

Capítulo 1

Dai-me os vossos fatigados, os vossos pobres, as vossas massas amontoadas desejosas de respirarem livremente.

– Emma Lazarus

CHINATOWN

NOVA IORQUE

ABRIL DE 1889

Nunca lhe passara pela cabeça encontrar o ex-marido num antro de ópio.

Lily maldisse intimamente a sua terrível sorte e voltou-se para a pessoa ao seu lado, o homem que descobrira a sua presa.

– Há quanto tempo está ele aqui? – perguntou.

– Há dois dias, ma'ame.

Deus lhe valesse. Escuro e deprimente, aquele lugar estava impregnado de um aroma doce e enjoativo, que a obrigou a tapar o nariz e a respirar pela boca. Homens e mulheres de todas as idades e cores de pele, com os olhos vítreos, reclinavam-se em pequenas camas, com os compridos cachimbos ao seu alcance. Várias mulheres escassamente vestidas circulavam por entre eles, assim como o proprietário do espaço, que era evidente que não a queria ali.

O que fazia com que fossem dois. Preferia estar a velejar no Chesapeake, ou a descansar na casa da família, em Newport. A cavalgar em Palm Beach, ou a fazer compras em Paris. Tudo menos estar ali, a olhar para o único homem que esperara nunca mais voltar a ver.

Calvin Cabot. Observou-o enquanto dormia e tentou perceber as mudanças nele, se havia algumas, ocorridas nos últimos quatro anos. Continuava a ser um homem alto e de proporções corretas. E impossivelmente atraente, apesar da barba de dias e das suíças que lhe cobriam o rosto.

Ele tinha ignorado as suas cartas durante quase duas semanas, cartas que lhe tinham sido todas devolvidas, ainda por abrir. Além disso, desaparecera de cada vez que o procurara no escritório ou em casa. Independentemente da hora ou o dia por ela escolhidos, ele adiantava-se sempre. Era uma frustração, tendo em conta que tinham um problema delicado em mãos, que ele tinha de ajudar a resolver antes que mais alguém o descobrisse. E não lhe restara outra alternativa que não contratar agentes da Pinkerton para o raptarem.

Mas nunca esperara encontrá-lo *ali*. Teria adquirido o vício do cachimbo? Apesar de ser um dos editores mais poderosos da Costa Leste, Calvin estava ali deitado, vestido com roupas imundas e amarrotadas, e emanando um odor desagradável. Como era possível que conseguisse conciliar o vício com a gestão do seu império?

Não que ela alguma vez o tivesse percebido. Lily e Calvin sempre tinham sido como azeite e água – ou, como ele gostava de dizer, azeite e champanhe. Ainda que ele nem sempre tivesse odiado a fortuna e privilégio que a família dela representava...

– O que pretende fazer, ma'ame? – perguntou o homem ao seu lado. Tinha contratado uma dúzia de homens com a finalidade de encontrar Calvin, e o que a acompanhava, Jessup de seu nome, fizera por merecer a recompensa de mil dólares por ela oferecida.

– Quanto deve este homem? – perguntou Lily, dirigindo-se ao dono do antro.

A avareza iluminou os olhos escuros do proprietário – não era a primeira vez que observava aquela emoção quando alguém reparava nas suas roupas e joias. Mas era bem a filha do seu

pai, não uma rapariga tola e facilmente intimidável. Afinal, era a presidente da Davies Mining Company desde a morte do pai. Ninguém levava a melhor a Lillian Davies.

– Trezentos – respondeu o outro.

Soltou uma gargalhada ao ouvir o exagerado montante.

– Agora diga-me a quantia real.

O proprietário olhou para Mister Jessup, ficando perfeitamente evidente que avaliava as suas possibilidades de sacar mais dinheiro à visitante sem que o outro o pusesse na linha à força de sopapos. Não que Lily pudesse pedir a intervenção do Pinkerton. Lily não precisava de um homem para resolver os seus problemas.

– Cento e vinte dólares – emendou o proprietário.

Lily assentiu, ainda que estivesse disposta a pagar mais. Precisava desesperadamente de Calvin.

A transação foi concluída com rapidez e a jovem voltou-se para Mister Jessup, que não tinha saído do seu lado desde a chegada de ambos.

– Meta-o na carruagem, se faz favor – ordenou, apontando para o homem inconsciente no leito.

HOTEL FAUCHÈRE

MONTANHAS POCONO, PENSILVÂNIA

QUATRO ANOS ANTES...

– Lily, minha querida, a pele dos lados da minha verga começa a ficar irritada.

– Pobre homem – lamentou Lily, curvando-se e usando a língua para mitigar o sofrimento na zona ofendida. – Permita que o ajude.

Calvin, seu marido havia menos que três semanas, deixou-se cair no leito e soltou um gemido composto de partes iguais de dor e satisfação.

– A verdade é que não está a ajudar – arquejou enquanto ela cobria de beijos a pele sensível.

O corpo do homem respondeu de imediato, com uma ereção crescente, que se expandiu sob os lábios dela. Em vez de a afastar, dedos fortes percorreram-lhe o cabelo loiro, afastando algumas madeixas do seu rosto, expondo o seu afanoso cuidado ao ávido olhar azul do marido.

– Foi com isto que começaram os problemas. Um homem precisa de tempo de recuperação, mulher.

Lily ignorou-o, totalmente concentrada na sua tarefa. Adorava o sabor dele, o contacto daquela haste aveludada com a sua língua. A pele suave ficou tensa sobre a rigidez do membro. Acima de tudo, adorava a forma como ele respondia a tudo o que ela fazia, como se nunca conseguisse saciar-se dela. Essa era uma sensação que ela entendia bem; não queria parar de o tocar ou de o beijar. Não queria deixar de respirar o mesmo ar que ele. Na verdade, desde o início da lua de mel, vinte dias antes, mal tinham saído da cama.

A corte fora muito rápida, com os dois a serem apresentados uns meros dois meses antes de se decidirem pelo enlace.

Apesar de muitos a terem apelidado de tola, Lily nunca tivera tanta certeza de uma coisa em toda a sua vida. Calvin era tudo o que desejava. Inteligente e aventureiro, trabalhava incansavelmente como repórter do *New York Bugle*, onde defendia as causas dos menos favorecidos. Expunha casos de corrupção. Revelava a hipocrisia da política de Nova Iorque.

E também era atraente, com cabelo castanho e os olhos azul-claros, e um corpo alto e esbelto que vibrava de energia e confiança. Era homem de ambição e convicções fortes, talhado para atingir feitos dignos de registo ao longo da sua vida. Lily estava desejosa de o ajudar a cada passo do caminho.

Claro que seria necessário convencer o seu pai a aceitar o matrimónio, mas Lily já tinha preparado os seus argumentos. Calvin afirmava que Warren Davies ficaria furioso quando

soubesse que a filha tinha contraído matrimónio com um simples repórter, um homem sem fortuna ou prestígio, mas Lily mantinha a sua fé no pai. Afinal, ele próprio havia deixado o Dakota ainda jovem, para fazer fortuna, acabando por se tornar dono de uma próspera mina de prata. O pai tinha respeito pelo trabalho árduo e pela determinação, por qualquer homem que confiasse na sua inteligência e vontade para triunfar no mundo em que viviam. Sem dúvida que gostaria de Calvin assim que se conhecessem.

Soltou Calvin com um estalido molhado e a ereção do marido tombou sobre o estômago deste.

– Quer que pare? – ronronou, roçando-lhe o interior das coxas com as unhas.

– Por Deus, não – respondeu Calvin, com um estremecimento. – Sei que não possuo muito, mas entrego-lhe tudo se me deixar entrar mais... *Sim, gosto disso* – gemeu quando ela retomou a cálida e hábil sucção. – Oh, se tiver de morrer por isto, terá valido a pena.

Era raro parar de falar, mesmo no decurso dos seus momentos mais íntimos. As palavras não eram apenas o seu ganha-pão, mas também uma fonte de conforto e uma arma. Numa tentativa de o fazer calar, Lily estendeu a mão e tomou-lhe os testículos na palma, apertando gentilmente, o que o fez ficar hirto.

– Mais depressa – pediu. – Aperte mais. Céus, Lily, estou a ser queimado vivo.

Ela redobrou os seus esforços, subindo e descendo, apertando com os lábios, a língua em flauteios, até os músculos do marido começarem a tremer. Quanto mais rude era com ele, quanto mais o arranhava e apertava, mais ele gostava. E não tardou a praguejar, empurrando com as ancas mais para dentro da boca dela. Soltando um grito, libertou o jorro na garganta dela, enquanto o seu corpo tremia.

Quando o pulsar cessou, por fim, passou a depositar beijos nas marcas vermelhas dos arranhões que deixara no abdómen

liso do marido. Sentia a humidade do seu ponto mais íntimo, onde a excitação pulsava ao ritmo do seu coração. De quanto tempo precisaria ele para se recuperar?

– Venha cá, sua bruxa – disse Calvin, passando as grandes mãos por baixo dos braços da mulher e puxando-a sobre o seu corpo.

Com uma expressão dolorosamente terna, depositou-lhe um beijo nos lábios. Ela deliciou-se com o sabor do marido, com a forma como os lábios de ambos se encaixavam tão bem, a aspereza da língua dele a invadir-lhe a boca. Sentiu que o amor lhe inundava o peito e uma sensação de adequação que lhe invadia os poros e penetrava até se colar aos seus ossos.

– Amo-o loucamente – murmurou quando se afastaram.

As costas dos dedos do marido encontraram-lhe o queixo, cuja pele afagou gentilmente. Os seus olhos pareciam mais escuros, ébrios de prazer e havia no seu rosto um sorriso retorcido.

– Amo-a total e completamente, Lily, meu amor. Para todo o sempre.

– Tenho imensa sorte em tê-lo – respondeu ela, sentindo o coração inchar.

– A sorte é toda minha. É a Lillian Davies; podia ter escolhido qualquer homem...

– Se isso fosse verdade, Calvin – cortou ela, colocando-lhe um dedo sobre os lábios –, escolhia-o a *si*, e está a ser modesto. Sei que existem várias mulheres no seu passado.

Ainda que não fosse abastado, Calvin era o tipo de homem que despertava a atenção das mulheres. Espantosamente atraente e esbelto, transmitia uma sensação de poder e graça, com uma confiança em si próprio que quase roçava a arrogância. Nada escapava ao seu olhar atento, mas um piscar dos seus olhos de um azul profundo deixavam entender uma piada secreta. Era um homem que despertava a perversão nas mentes das mulheres. A imaginação do que aquele demónio seria capaz num quarto...

Ainda bem que ela já não precisava de olhar para ele enquanto se deitava a imaginar. Não, ela conhecia muito bem os talentos que ele possuía em tal área, e não estava na disposição de desistir dele, nunca.

– No meu passado, talvez – concordou Calvin –, e é aí que devem permanecer.

Tomou-lhe o peito na mão em copo, os seus dedos ágeis provocando o mamilo até este se eriçar com o contacto.

– É melhor que assim seja. Não tenho a mínima intenção de o partilhar com ninguém.

Ele apertou o delicado e volumoso alto, fazendo-a arquejar.

– Nem eu a si. Todos aqueles pretendentes que faziam fila por sua causa é melhor que desapareçam depois de regressarmos a Nova Iorque.

– *Que faziam fila?* – repetiu Lily, torcendo-lhe o mamilo e obrigando-o, também, a um arquejo. – Retire o que disse. Eu não tenho homens a fazerem fila por minha causa.

– Está a ficar zangada? Sabe como fico quando fica assim – avisou Calvin, largando-lhe o peito para pegar nos dedos dela, que levou à boca e beijou. – E contei pelo menos quatro dos mais desejados solteirões de Manhattan, minha querida. Quer que diga os seus nomes?

– Tudo o que querem é a fortuna do meu pai, não a verdadeira Lily, a filha teimosa e mandona de um mineiro.

– Está enganada. Eu vejo como olham para si, e é com adoração no olhar, não com ambição. Olham exatamente do mesmo modo que olho para si.

Sentiu um calor que lhe contraiu a barriga e que a fez encolher-se, ao mesmo tempo que guardava o elogio bem dentro de si, não querendo esquecer em momento algum a doçura que aquele homem acrescentava à sua vida. Enrolou as pernas nas dele, esfregando-lhe a pele áspera com as plantas macias dos pés.

– Na noite em que nos conhecemos, convidou-me para dançar. Não fazia ideia de quem era.

– Eu não sabia o seu nome, apenas que era a mulher bela e cativante da sala. Não consegui manter-me longe de si. Tinha de saber tudo o que pudesse a seu respeito, tocá-la, nem que fosse apenas por uma dança.

– E eu tinha diante de mim o misterioso repórter presente na sala, atento a tudo o que se passava na sala, com o seu olhar observador e inteligente. Ninguém fazia ideia do que pensar de si.

– Acho que a maioria dos presentes me confundiu com um lacaio – observou o marido secamente.

– Nem pensar. O seu porte é tão subserviente como...

– O seu? – sugeriu Calvin.

Ela soltou uma gargalhada e os lábios do marido encontraram-lhe a garganta. Mordiscou e lambeu, brincando com a pele dela numa provação, até a fazer colar-se a ele numa contorção. Desesperada. Desejosa.

– De quanto tempo de recuperação disse que precisava? – perguntou ela.

Calvin fê-la deitar-se de costas e instalou-se entre as suas coxas.

– Minha adorável Lily, a boca de um homem nunca precisa de tempo de recuperação – respondeu, logo deslizando pelo corpo da mulher a abrir um caminho de beijos até encontrar o seu centro, onde se dedicou a roubar-lhe o fôlego.

Uma pancada na porta do quarto de hotel penetrou no cérebro de Calvin. Espreguiçou-se, combatendo o múltiplo efeito do sono e da sua insaciável mulher, esticando-se numa tentativa de aliviar a dor que sentia no fundo das costas. Só uma pessoa se atreveria a incomodá-los, e Calvin sabia que não bateria à porta se não fosse urgente.

Na esperança de não acordar a esposa, Calvin chegou-se para a beira do colchão e estendeu a mão para pegar nas calças.

Esposa. Gostava de o dizer. Gostava bastante. Tinha passado a infância a percorrer o mundo com os pais, dedicados à propagação da sua religião, que nunca os deixava ficar muito tempo num mesmo lugar. Habitação temporária e amigos temporários. Nunca conhecera algo verdadeiramente permanente ou real – não até encontrar Lily. Que, agora, lhe pertencia.

Deitou um olhar por cima do ombro à sua forma adormecida. O cabelo loiro estendia-se sobre os lençóis creme como uma cascata cor de sol. Estava deitada de lado, com as duas mãos sob o queixo, como se numa oração. Sentiu o peito inundado de uma emoção forte, de uma profunda sensação de adequação que nunca antes sentira.

Com aquela mulher, de entre todas. Eram oriundos de dois mundos diferentes; o de Lily era feito de festas e de champanhe, enquanto no dele imperavam a determinação e a coragem puras. Contudo, de algum modo, os dois resultavam.

Uma segunda pancada levou Calvin até à porta. Hugo, o seu melhor amigo e ocasional criado, esperava-o no corredor, com um olhar carregado de preocupação.

– O pai dela está cá.

– O pai dela? – repetiu Calvin, sentindo-se gelar. – O pai da Lily? *Aqui?*

Como Hugo assentisse, Calvin sentiu como se tivesse levado um murro no estômago.

– Bolas, ele devia estar no Dakota.

– Tudo o que sei é que ele está lá em baixo – continuou Hugo, com um encolher de ombros – e quer falar contigo.

Calvin sentiu a cabeça andar à roda. Ainda não tinha conhecido Warren Davies, mas conhecia a reputação do sogro. Era um empresário empedernido que esmagava a rebelião e a dissensão por todos os meios ao seu alcance, incluindo derramamento de sangue. A última tentativa de criação de um sindicato na mina de prata de Davies resultara na morte de mais de cinquenta homens. Davies era conhecido por conseguir o que queria...

e Calvin começou a suspeitar que aquela não seria uma visita agradável.

– Dá-me dois minutos, que já desço.

Fechou a porta e apressou-se a apanhar as suas roupas do chão. Apesar de ter tomado banho com regularidade, não tinha usado roupas durante a última semana, não desde que saíra do quarto para comprar gelado a Lily, numa geladaria ao fundo da rua – um mimo que lambra do delicioso corpo nu da mulher, recordou com um sorriso. Encontrou uma camisa limpa, apesar de amarrotada, e a gravata que mais parecia um farrapo. Não era exatamente assim que queria conhecer o sogro.

Olhou-se ao espelho depois de se vestir. Tinha o rosto camuflado pela barba de dois dias e pelas suíças por cuidar. Sentiu uma crisão nervosa. *Agora não há nada a fazer*, pensou, passando um pente pelo cabelo desganhado.

– Calvin? Onde vai?

Voltou-se ao ouvir a voz rouca da mulher, o tom acentuado pelo sono.

– O seu pai está cá.

– O papá está cá? – surpreendeu-se Lily, sentando-se sem segurar o lençol, que deslizou pelo seu corpo e revelou os seios mais luxuriosos que ele alguma vez vira.

– Está lá em baixo – explicou Calvin, pegando no casaco e vestindo-o. Era o seu melhor casaco, de lã azul-escura, que adquirira no ano anterior. Sacudiu as mangas e colocou os botões de punho.

– Como nos descobriu ele aqui? – insistiu Lily, já de pé e à procura das suas roupas. O marido reparou que as suas mãos tremiam enquanto vestia a camisa interior. – Devia estar de visita à mina.

– Não faço a mínima ideia – admitiu Calvin. – Mas não tardaremos a descobrir.

Aproximou-se dela e tomou-a pelos ombros, fazendo cessar os seus movimentos frenéticos.

– Querida, espere.

Ela pôs-se muito direita e encarou-o com olhos arregalados de pânico. Calvin deu-lhe um beijo no nariz.

– Vai correr tudo bem. Ele vai entender. Garanto.

Lily engoliu em seco, mas assentiu.

– Claro. Tem razão. No entanto, eu devia descer consigo.

– Não, isso não é necessário. Eu desço primeiro. Demore o tempo que precisar para se arranjar. Não há pressa.

– Assim farei – respondeu Lily, segurando-o pelas bandas do casaco. – Calvin, eu amo-o.

O marido sorriu-lhe, fazendo as mãos deslizar até lhe tomarem os seios.

– E eu a si – respondeu. – Despache-se, antes que ele decida entrar pelo quarto adentro.

Deixou Lily a vestir-se e saiu para o corredor. Enquanto descia as escadas, rememorou todos os motivos por que Warren Davies devia aceitá-lo como marido de Lily. Tal como Davies, Calvin crescera na pobreza mas começava a ter sucesso. Tinha um emprego bem remunerado e não lhe faltava nenhum membro. Até tinha os dentes todos. Nunca destrataria nem magoaria Lily. E o mais importante era que a amava de todo o coração.

Que pai não desejaria que a sua filha fosse feliz e bem-amada?

Hugo esperava-o ao fundo das escadas, com uma máscara de apreensão no rosto escuro.

– Ele está na sala de entrada – disse Hugo. – E não parece satisfeito. Tem dois homens junto à sua carruagem e outro à porta da sala. Com um quarenta e cinco à cinta.

Aquela informação não lhe caiu nada bem. Porque se fazia Davies acompanhar de um exército?

– Obrigado. A Lily desce, não tarda. Podes acompanhá-la à sala?

– Sim, senhor. E boa sorte.

Um homem de grande estatura estava de guarda à porta da sala. Abriu a porta quando Calvin se aproximou, fechando-a

de imediato assim que este entrou. Quando os seus olhos se adaptaram à luz da tarde, Calvin viu um homem corpulento e bem vestido junto à janela da frente. Era Warren Davies.

Davies aproximou-se e Calvin percebeu de imediato como era parecido com a filha. Tinha os mesmos olhos cor de uísque, castanho-claros com tons de ouro, e a mesma expressão decidida. Davies tinha cabelo curto e grisalho e um bigode comprido como os dos vaqueiros dos Dacotas. No entanto, a sua expressão revelou apenas frieza ao ver Calvin, o que deixou este seriamente apreensivo.

– Você é o Calvin Cabot?

– O próprio, Mister Davies – respondeu, estendendo a mão num cumprimento que Davies não fez qualquer esforço para aceitar. Um instante depois, Calvin baixou a mão e disse: – Sei que isto deve ser uma surpresa, senhor...

– Uma surpresa? – escarneceu Davies. – Rapaz, *surpresa* é chegar a casa e descobrir que a cozinheira fez a nossa sobremesa preferida. *Surpresa* é encontrar um conhecido na rua. *Surpresa* é ter um dia bom na Bolsa. Isto não é uma surpresa. Descobrir que este monte de merda casou com a minha filha – sentenciou, apontando para Calvin – é uma maldita catástrofe.

Calvin sentiu a pele arder e uma torrente de fúria a inundar-lhe as veias. *Mantém a calma*, disse para consigo. Nada de bom resultaria de perder a cabeça. Tinha de aplacar o velho, explicar-lhe os seus sentimentos por Lily.

– Sei que pode parecer uma escolha improvável, mas eu amo-a. Eu vou...

– Não me interessam os seus sentimentos por ela. Céus, um casamento não se constrói com base em *sentimentos*, rapaz. Tem a ver com legado e estatuto. Ela acabou de ser apresentada à sociedade e eu tinha planos para ela. Nenhum desses planos incluía um ranhoso insignificante que trabalha num jornal de que ninguém ouviu falar.

Calvin sentiu o golpe e cruzou os braços sobre o peito para se impedir de esmurrar o sogro. Era verdade que trabalhava como repórter do *Bugle*, mas era ambicioso. Não seria sempre um «ranhoso insignificante». Ao que parecia, Davies não queria saber de nada disso. Só lhe interessava se Calvin era um marido adequado para a filha *naquele momento*.

– Porque está aqui? – perguntou secamente.

– Agora, vamos direitos ao assunto – disse Davies, com um arreganhar dos lábios. – Tenho os papéis da anulação preparados para que os assine.

– Não assino coisíssima nenhuma – atirou Calvin, fazendo evaporar toda e qualquer civilidade. Se Davies queria luta, Calvin teria todo o prazer em dar-lha. – Diga o senhor o que disser, não vou desistir dela.

– Quanto? – perguntou Davies, afastando as abas do casaco e enfiando as mãos nos bolsos. – Quanto quer?

– Não quero o seu dinheiro. Não tem o suficiente para me obrigar a afastar dela.

– Tem a perfeita noção de quanto valho – continuou Davies, atirando a cabeça para trás numa gargalhada. – Não tenho a mínima dúvida de que me investigou longa e arduamente antes de se aproximar da Lily. Antes de lhe encher a cabeça com as suas mentiras.

Calvin cerrou os dentes com tanta força que receou partir o maxilar.

– Eu nunca menti à sua filha. E não me aproximei dela por ser sua filha. Não fazia ideia de quem ela era quando...

– Poupe-me, rapaz. Não tenho tempo nem paciência para os seus disparates. Quando lhe disser o que soube a seu respeito, talvez mude de ideias quanto aos papéis de anulação.

Com a mente em turbilhão, Calvin tentou imaginar que segredos do seu passado Davies podia ter desenterrado... mas não se lembrou de nada. Não tinha vivido exatamente uma vida de monge, mas não tinha cometido qualquer crime grave.

– A sério?

Davies sentou-se numa poltrona e apoiou os cotovelos nos braços da mesma.

– Tenho duas informações que acho que devo dar-lhe. A primeira é que, apesar de amar a minha filha, não terei qualquer problema em deserdá-la se continuar casada consigo. Não receberão um dólar do meu património. Irei excluí-la do meu testamento.

Calvin franziu o cenho, sentindo um peso no coração. Desde a sua fuga, nenhum dos dois tinha pensado o suficiente no futuro para se preocupar com finanças. Caramba, ele tinha crescido sem nada e sobrevivera, mas Lily adorava a vida das meninas ricas da sociedade e das suas festas loucas, jantares faustosos e brinquedos caros. E, apesar de não ter casado com ela por causa do dinheiro de Davies, também não tinha pensado que esse estilo de vida lhe pudesse ser retirado. Ficaria reduzida... a magros pedaços de carne em vez de *foie gras*. A cerveja em vez de champanhe. A remendar os seus vestidos em vez de comprar outros novos. Teria de esquecer os bailes finos e os compromissos sociais; talvez tivesse de trabalhar como secretária ou balconista de loja.

Mas como poderia afastar-se de Lily? Talvez o pai dela estivesse a fazer *bluff*. Afinal, Lily dizia que Davies a adorava. Com certeza que o pai dela não iria...

– Vejo que não acredita em mim – continuou Davies.
– Assim sendo, permita que lhe fale da segunda coisa. Tenho muitos amigos no governo dos EUA, mais do que você, ao que parece, e tiveram todo o prazer em contar-me as suas recentes tentativas de suborno. Parece que andou a escrever cartas e a oferecer dinheiro a quem quisesse ouvir. Por algo relacionado com a sua mulher, a da China...